

ESTUDANTES DE SAÚDE E A UTILIZAÇÃO DA ANTICONCEPÇÃO DE EMERGÊNCIA NA FACULDADE DO INTERIOR DE PERNAMBUCO

HEALTH STUDENTS AND THE USE OF EMERGENCY CONTRACTING IN THE INTERNAL COLLEGE OF PERNAMBUCO

Georgeana Silva Santos¹, Maria Roberta Bezerra da Silva¹

¹Faculdade de Integração do Sertão – FIS, Serra Talhada-PE, Brasil.

Resumo

O uso da anticoncepção de emergência vem tendo sua utilização de maneira errônea, gerando assim riscos. Isso ocorre devido falta de orientação e programas de educação em saúde já que esse assunto ainda é um tabu em plena sociedade moderna. O presente estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento do uso da anticoncepção oral de emergência pelos estudantes de enfermagem do 1, 2 e 3º período da FIS. Estudo descritivo, transversal de quantitativa, realizado com 55 acadêmicos de enfermagem de uma faculdade do interior de Pernambuco no período de novembro de 2019 no qual se aplicou um questionário contendo 8 perguntas objetivas. Foi verificado mediante a coleta de dados que o conhecimento sobre a anticoncepção de emergência variou onde 65% diz conhecer 35% diz não saber, mas quando comparado a forma que os acadêmicos usam a anticoncepção de emergência foi constatado que 19% ainda faz o uso errado sendo esse de 3 ou mais vezes no mês. A adesão pela anticoncepção de emergência mostrou-se mais relacionada a instabilidade no uso de métodos regulares do que no uso propriamente dito, podendo ser considerada um marcador de irregularidade nas práticas contraceptivas pois, foi constatado que as participantes sabem qual a sua função e como usa-la e mesmo assim usam de maneira errada. Falta uma conscientização para essa população a cerca dos riscos trazidos pelo mal uso da anticoncepção de emergência.

Palavras-chave: Anticoncepção. Anticoncepção de Emergência. Educação em Saúde. Pílula do dia seguinte.

Abstract

The use of emergency contraception has been using it in an error manner, thus generating risks and complications in the sexual and reproductive life of those who use it, since it is indicated only in cases of emergency and not as a contraceptive method routine use as is the case with daily contraceptives. This is due to lack of guidance and health education programs since this issue is still a taboo in full modern society. It is a very important theme, especially in the health area, considering the social relevance conferred by the occurrence of pregnancy and the possibility of exposure to sexually transmitted infections (STIs) and acquired immunodeficiency syndrome (AIDS). The present study aimed to evaluate the knowledge of the use of emergency oral contraception by nursing students of the 1, 2 and 3rd period of fis. Descriptive, cross-sectional quantitative study, conducted with 55 nursing students from a college in the interior of Pernambuco in the period of November 2019 in which a questionnaire containing 8 objective questions was applied. Adherence by emergency contraception was more related to instability in the use of regular methods than in the use itself, and may be considered a marker of irregularity in contraceptive practices because, it was found that participants know what the su function and how to use it and still use it wrongly. There is a lack of awareness for this population about the risks brought by the misuse of emergency contraception.

Key words: Contraception. Emergency contraception. Health Education. Morning morning pill.

Introdução

A Organização Mundial da Saúde define anticoncepção de emergência como método anticoncepcional (MAC) a ser usado após a relação sexual para prevenir a gravidez. Seu uso é indicado para mulheres em idade reprodutiva, incluindo as adolescentes, após relações sexuais desprotegidas, que resultaram de falhas, uso incorreto de métodos contraceptivos de uso regular, ou em caso de agressão sexual. As adolescentes representam um grupo importante para a ampliação do acesso a todas as formas de contracepção, incluindo anticoncepção de emergência, tendo em vista que o início da atividade sexual geralmente ocorre durante esta fase do curso da vida e suas práticas contraceptivas são caracterizadas pela descontinuidade e ocorrência de falhas (CHOFAKIAN et al., 2014).

A anticoncepção de emergência, ou pílula do dia seguinte, como é popularmente conhecida, é indicada somente em casos de emergência e não como método anticoncepcional de uso rotineiro. Existe uma variedade de situações em que é recomendada, dentre elas, na ocorrência de violência sexual, na ruptura acidental de preservativo ou diafragma, na expulsão do DIU, quando há falhas na ingestão de duas ou mais pílulas anticoncepcionais, no atraso menstrual de mais de duas semanas para usuária de acetato de medroxiprogesterona e relação sexual no período fértil em casais que utilizam os métodos de abstinência periódica. Tem como contraindicação, suspeita ou confirmação de gravidez (BORGES, 2010).

É um tema muito importante, especialmente na área da saúde, considerando de relevância social conferida pela ocorrência de gravidez e pela possibilidade de exposição as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e a AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida). O conhecimento sobre os métodos contraceptivos e os riscos advindos de relações sexuais desprotegidas são fundamentais para que os estudantes de saúde possam vivenciar o sexo de maneira adequada e saudável, assegurando a prevenção da gravidez indesejada e das IST/AIDS, além de ser um direito que possibilita a cada vez mais, ao ser humano, o exercício da sexualidade desvinculado da procriação. (VIEIRA et al, 2006).

Desde a criação do Programa de Assistência Integral à saúde da Mulher, em 1984, o Estado reconhece o direito das mulheres de dissociar a prática sexual, da procriação. Ações voltadas à contracepção foram implantadas na rede pública de saúde do Brasil. As dificuldades para exercitar os direitos sexuais, apresenta sérias complicações que comprometem a saúde da mulher, entre elas a gravidez não planejada, que passa pelo o plano da racionalidade e o resultado do exercício de autonomia, que consiste em um processo inexistente da decisão consciente da mulher ou casal para sua ocorrência (COELHO et al, 2011).

Ainda sobre Coelho 2011, para as mulheres que apresentam condições socioeconômicas desfavoráveis e não conhecem seus direitos sobre a reprodução, a contracepção apresenta-se como problema. Sendo assim, a gravidez não planejada decorre da falta de informações e dificuldade de acesso aos métodos contraceptivos, do uso inadequado dos mesmos, descontinuidade na oferta do contraceptivo pelo serviço, oferta limitada na variedade dos métodos e efeitos colaterais adversos que levam ao abandono e ao limite de eficácia.

Este estudo tem como objetivo principal, analisar a utilização da anticoncepção de emergência em estudantes do curso de saúde em uma faculdade do interior de Pernambuco.

Analisar a utilização da anticoncepção de emergência em estudantes do curso de saúde em uma faculdade do interior de Pernambuco.

Supõe-se que nem todas as estudantes fazem o uso correto do contraceptivo, não apresentam conhecimento adequado sobre a medicação, fazendo com que ocorra uma falta de entendimento, de como tomar a anticoncepção de emergência de forma correta.

"O uso de contraceptivos mostra uma atitude positiva frente a sexualidade, mas também um grau de maturidade e autoestima próprios de quem projeta o futuro negociando com o presente as suas decisões" (RAMOS; 2001; p 31).

O interesse em aprofundar os conhecimentos sobre a anticoncepção de emergência surgiu pelo aumento considerável da comunicação incorreta nos últimos anos. Com isso ao longo deste trabalho, pretende – se estudar a forma exata do uso da anticoncepção de

emergência, principalmente quando se leva as contraindicações, que é de suma importância levar o conhecimento para os estudantes.

Acredita-se que a partir do momento que há uma comunicação mais eficaz abordando como se deve fazer o uso da anticoncepção de emergência, tende-se que os estudantes não corram risco de ter uma gravidez indesejável, não faça o uso da medicação de forma incorreta e abusiva, acarretando danos à saúde. Com isso, levando informações clara os estudantes irar obter mais segurança ao fazer o uso da medicação de forma correta.

É de suma importância que os estudantes de saúde saibam os riscos que a anticoncepção de emergência trás, bem como, a importância do conhecimento sobre esta medicação, a forma correta de uso do contraceptivo, quando e como usá-lo, que resulta não somente na informação, mas também levará a uma percepção e uso de outros métodos, com menos efeitos colaterais.

As respostas obtidas através dos questionários irão revelar o conhecimento dos estudantes a respeito da anticoncepção de emergência.

Espera-se que os estudantes busquem aperfeiçoar ou adquirir conhecimento que os tornem capacitado a agir diante de dúvidas do paciente.

Propomos também que mediante resultados desta pesquisa, a faculdade como instituição promotora de ensino invista em métodos que levem conhecimento a respeito do tema abordado, tornando-os aptos a levar informações da melhor forma possível.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de natureza quantitativa, do tipo exploratória e caracterização descritiva, a qual foi realizada Faculdade de Integração do Sertão (FIS) Serra Talhada - PE, mediante pedido de autorização do Diretor Acadêmico, onde foi enviado primeiramente um ofício solicitando autorização para realização da pesquisa.

A faculdade possui uma média de 980 acadêmicos na área da saúde e 286 cursam enfermagem. A amostra de acordo com o calculo amostral foi de 80 acadêmicos a serem entrevistados, de acordo com o nível de confiança 69% erro amostral de 31%. Com isso ao final da seleção obtive-se uma amostra final de 55 acadêmicos.

Foram incluídos 55 (69%) os alunos que cursão no curso de enfermagem do 1º, 2º e 3º período que estiveram matriculados durante o ano de 2019 a partir de 17 anos e que fazem uso da anticoncepção de emergência e as mulheres que aceitarem participar espontaneamente da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que responderem todas as perguntas contidas no questionário. E 25 (31%) foram excluídos por não estarem no local durante o período de pesquisa e/ou se reusaram a participar da pesquisa ou assinar o TCLE.

O instrumento que foi utilizado para coleta de dados foi um roteiro pré-elaborado para a entrevista semiestruturada, o qual continha 8 perguntas objetivas acerca do uso e conhecimento sobre a utilização da anticoncepção de emergência pelas acadêmicas de enfermagem da FIS. Foi aplicado pela própria pesquisadora nas salas de aula no período de segunda a sexta 14h e 22:20h.

Os dados coletados foram analisados por meio da análise de conteúdo e posteriormente embasados na literatura científica, onde os resultados estarão dispostos por meio de categorias temáticas.

A pesquisa obedeceu aos aspectos éticos e legais que estão dispostos na Resolução 466/2012 e 512/2016 sigilo e confidencialidade 460/12 e 510/16, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que preconiza as diretrizes e normas regulamentadores das pesquisas, em qualquer área do conhecimento envolvendo seres humanos, prezando por sua privacidade e pelos princípios da autonomia, não maleficência, beneficência e justiça (BRASIL, 2013).

O projeto de pesquisa foi cadastrado na Plataforma Brasil para submissão ao Comitê de

Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Integração do Sertão (FIS) A presente pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da faculdade de integração do sertão – FIS sob o parecer consubstanciado 192998196.0000.8267.

Resultados E Discussão

O estudo abordou os uso e conhecimento sobre a utilização da anticoncepção de emergência pelas acadêmicas de enfermagem da FIS, numa abordagem quantitativa.

É de fato que o ingresso em novos espaços como grupos sociais, universidade, gera um impactar que por sua vez leva a mudanças no comportamento sexual dos jovens, pois a admissão as universidades representa oportunidade de refletir mais sobre os conceitos relacionado a sexualidade. Em meio aos diversos métodos contraceptivos orais disponíveis, a pílula de emergência (PE) vem apresentando um aumento no índice entre jovens (MOREIRA, 2011).

Desde os primeiros estudos com a AE, vários setores conservadores da sociedade adotaram como “verdade inequívoca” que o método interferiria de alguma maneira na implantação e, portanto, seria abortivo. Desde então, essa posição vem sendo mantida de forma irreduzível, mesmo sem nenhuma evidência científica que sustente a hipótese. No decorrer dos anos, acumularam-se evidências científicas de que o mecanismo de ação da AE era limitado a impedir a fecundação. Ao mesmo tempo, estudos consistentes asseguravam não existirem efeitos sobre a implantação. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005.

A tabela 1 abaixo se trata da definição sociodemográfica dos acadêmicos de enfermagem que estão matriculados do 1º, 2º e 3º período em uma Faculdade do Interior de Pernambuco.

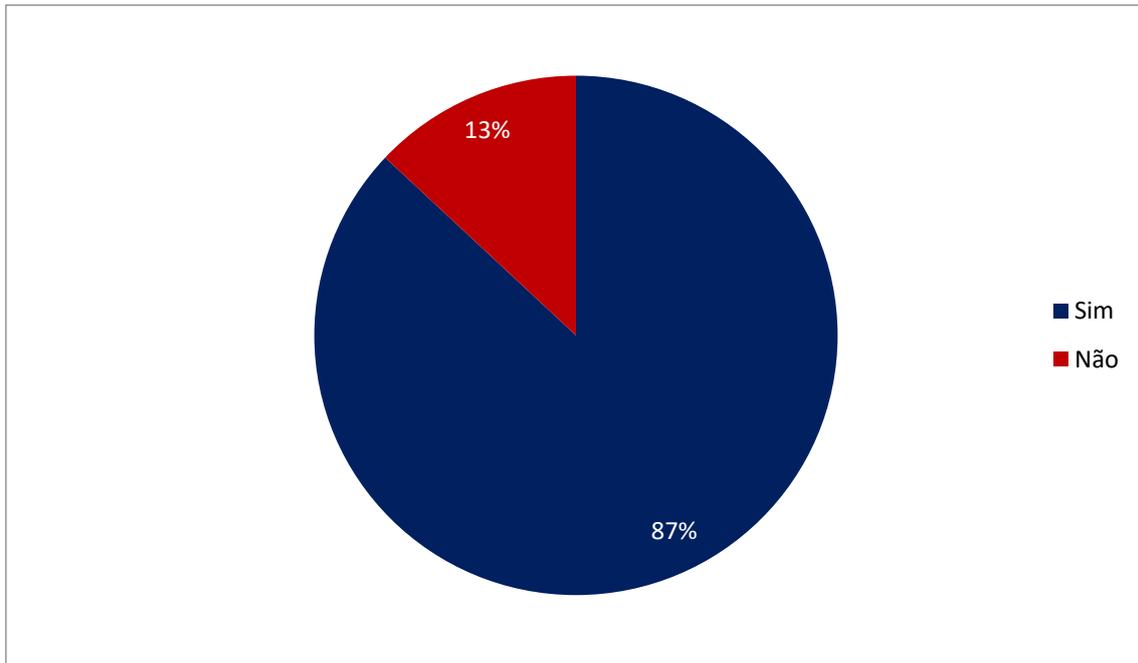
TABELA 1 – Distribuição sociodemográfico dos estudantes da área da saúde. FIS. Serra Talhada, 2019.

	N	%
Idade		
≥17	3	5
18-27	41	75
28-38	11	20
Total	55	100
Estado Civil		
Solteira	44	80
Casada	11	20
Total	55	100

Segundo o estudo de BORGES (2010) Intitulado: Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso da anticoncepção de emergência - Rio de Janeiro mostra que o uso errôneo da anticoncepção de emergência esta relacionado com a inconsistência nas práticas contraceptivas, isso se dá porque ele é substituído pelo método contraceptivo convencional (MAC) como uma medida para a prevenção de uma gravidez não planejada, e não somente em situações de emergência, como recomendado pelo Ministério da Saúde.

Um dos métodos contraceptivos mais utilizados pelas jovens é a pílula de emergência (PE) ou do dia seguinte, e muitas vezes sua utilização é de maneira incorreta. A referida droga tem função de prevenir uma possível gravidez não planejada em determinadas ocasiões como, violência sexual, ruptura da camisinha, uso inadequado de outros métodos contraceptivos, sexo desprotegido, e dentre outros, mas não são 100% eficaz (SOUZA; BRANDÃO 2009).

A figura 1 mostra o percentual dos acadêmicos que relataram conhecer e saber quando usar a anticoncepção de emergência.

FIGURA 1 – Distribuição percentual acerca do conhecimento dos estudantes de saúde de conhecer e saber quando usar a anticoncepção de emergência. FIS. Serra Talhada, 2019.

A falta de conhecimento sobre qualquer método anticoncepcional pode ser por um fator de resistência à aceitabilidade e/ou pelo uso inadequado do mesmo (ESPEJO et al., 2013). De acordo com o que foi analisado diante das respostas dos acadêmicos sobre o conhecimento do uso da AE (anticoncepção de emergência) relatado na figura anterior, contradiz com as figuras 2 e 3, onde mostra a maioria com: 2 vezes 55%, 3 vezes 15%, 4 ou mais 4% , utilizadas de vezes no mês e 2 vezes 44%, 3 vezes 18% 4 ou mais 11% utilizadas de vezes no ano, fazendo assim a utilização errado do AE.

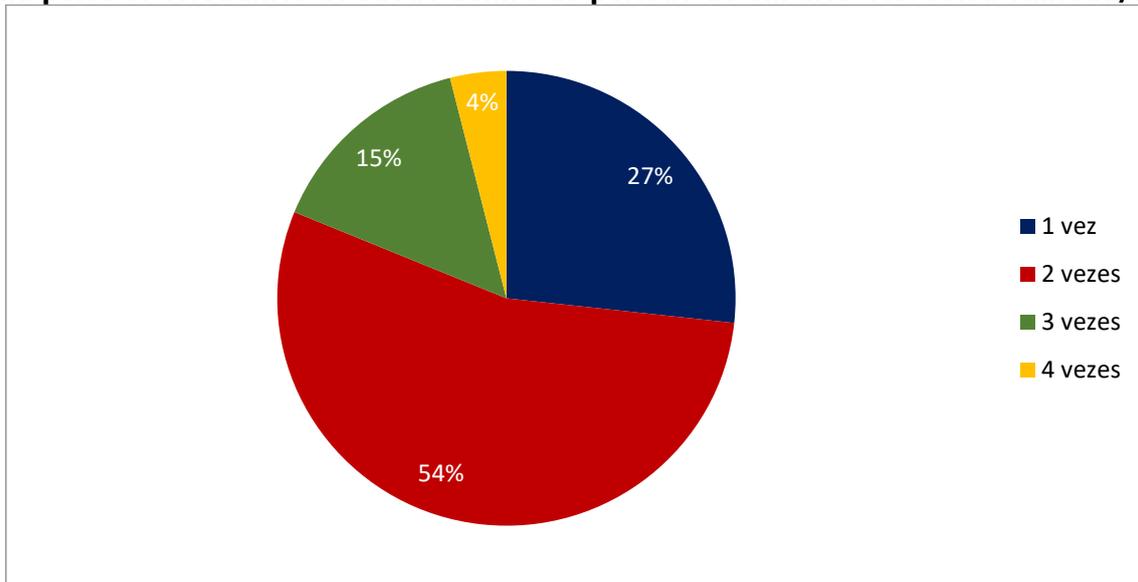
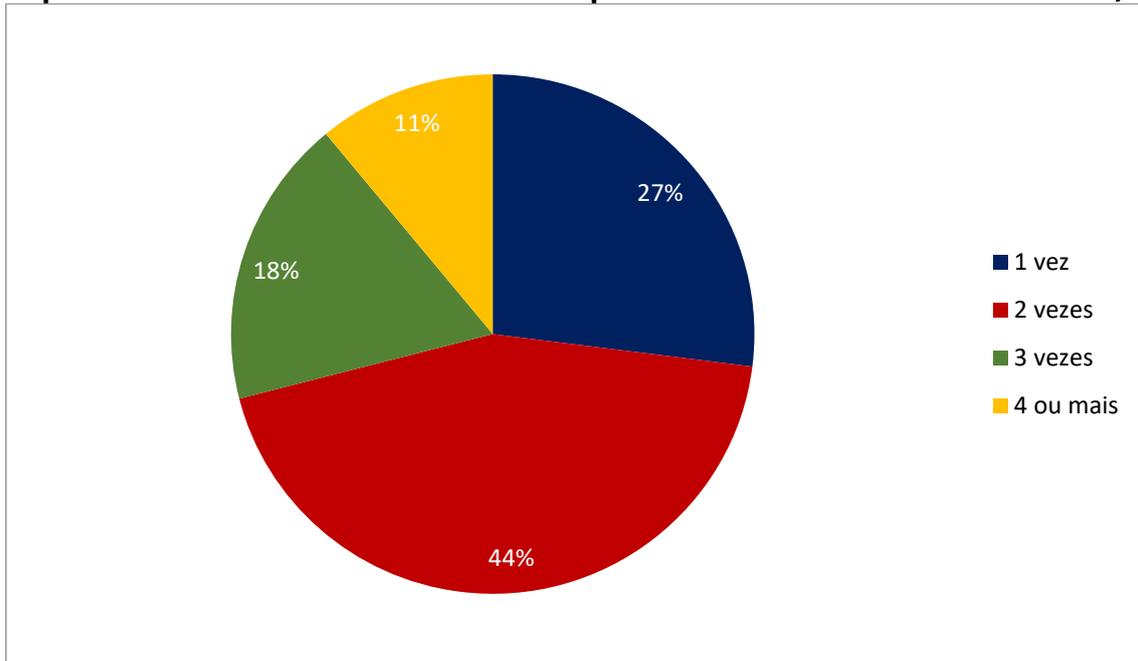
FIGURA 2 – Distribuição percentual acerca da quantidade de vezes que foi utilizado a anticoncepção de emergência pelos os estudantes de saúde dentro do período de um mês. FIS. Serra Talhada, 2019.

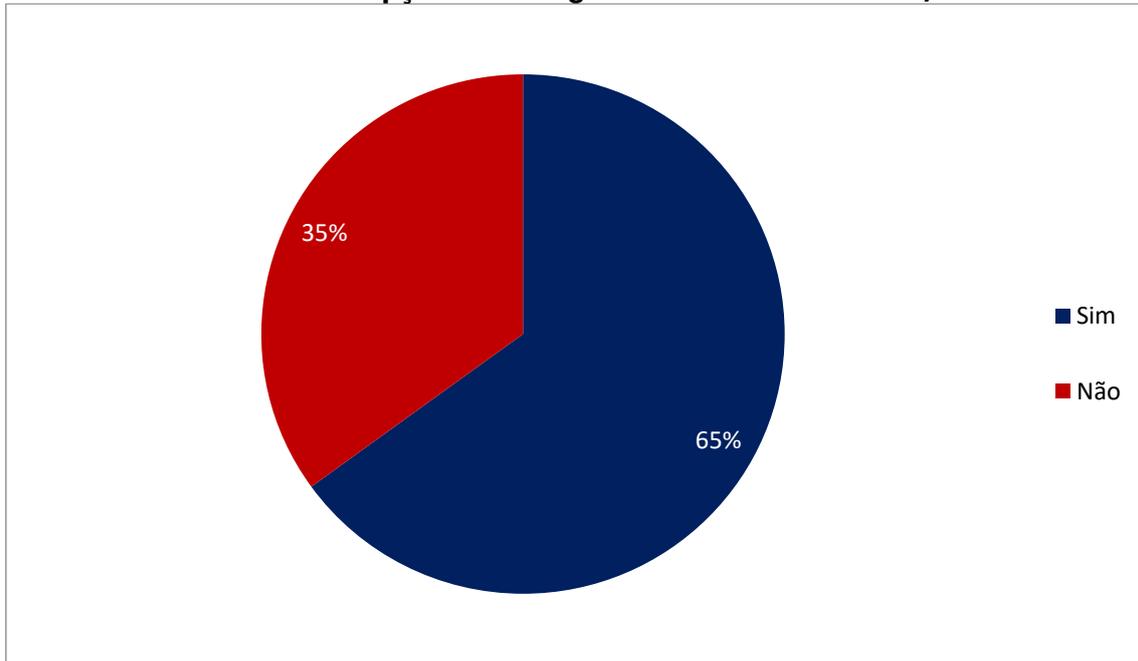
FIGURA 3 – Distribuição percentual acerca da quantidade de vezes que foi utilizado a anticoncepção de emergência pelos os estudantes de saúde dentro do período de um ano. FIS. Serra Talhada, 2019.

De acordo com o Ministério da saúde, a AE é somente utilizada em caso de emergência 2 vezes ao ano.

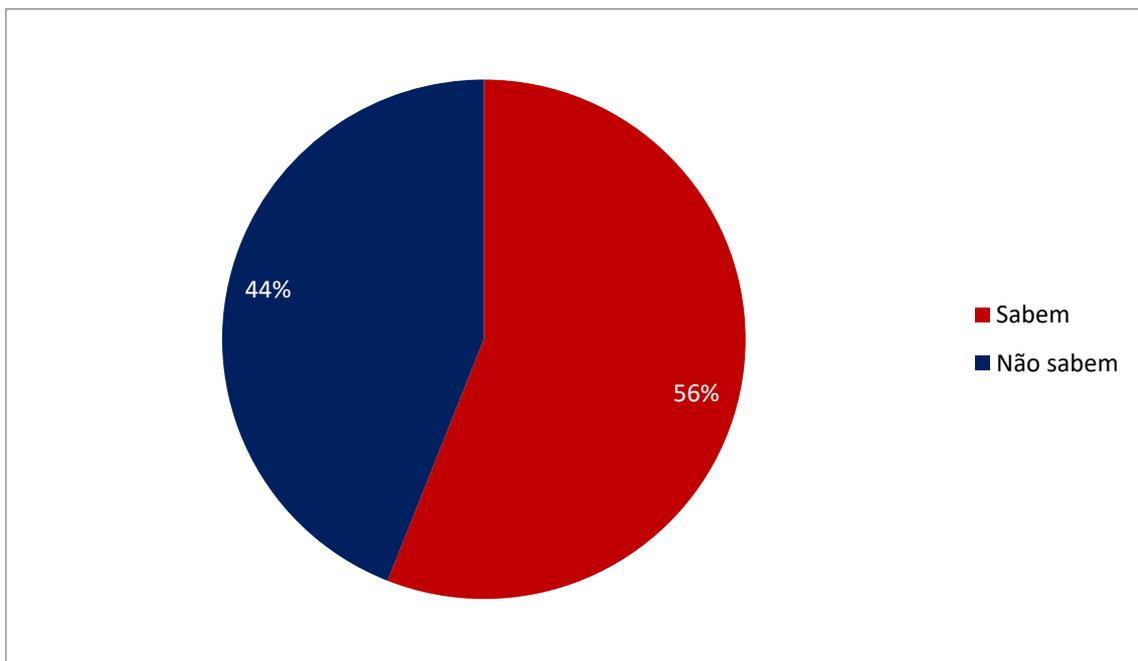
Em relação ao uso do AE, nossos resultados diferem de um estudo de NASCIMENTO, intitulado: nível de conhecimento sobre os mecanismos de ação da pílula de emergência por jovens universitárias, Pe, Brasil, quanto ao conhecimento sobre o mecanismo de ação da PE (Pílula de Emergência) ou AE, 49% assinaram não, 21% sim e 30% mais ou menos. Em relação à quantidade de pílula de emergência utilizada até um ano, 33% respondeu nenhuma vez; 21,5% afirmaram ter utilizado apenas uma vez e 28,5 % afirmaram ter utilizado duas vezes e 17% afirmaram ter utilizado três vezes ou mais. Tal discrepância pode ser justificada pelo número superior de universitárias entrevistadas (200) e provavelmente, maiores difusão das informações.

O grande número de jovens que utilizam AE é preocupante devido à possibilidade do uso abusivo e de forma errada, muitas vezes substituindo o próprio anticoncepcional convencional, gerando assim possíveis impactos negativos sobre o comportamento contraceptivo de rotina (PAIVA; BRANDÃO, 2012) e gerando a diminuição ou o abandono do uso do preservativo e exposição às IST's (ARAÚJO; COSTA, 2009).

Na figura 4 mostra a distribuição percentual a cerca do conhecimento dos acadêmicos quanto aos efeitos adversos do uso da AE.

FIGURA 4 – Distribuição percentual acerca do conhecimento dos estudantes de saúde de quanto aos efeitos colaterais do uso da anticoncepção de emergência. FIS. Serra Talhada, 2019.

A maioria (65%) relatou saber sobre os efeitos colaterais após o uso da PE, contudo, é importante a conscientização do uso frequente da AE que pode causar alterações no ciclo menstrual. Na forma de uma ou duas pílulas elas concentram alta dose hormonal (o equivalente a oito pílulas anticoncepcionais de uso prolongado), que vai retardar a ovulação e assim, dificultar a gestação. A ocorrência de sangramento, ou a ausência do mesmo, está ligada ao período do ciclo menstrual da mulher. Os efeitos adversos mais comuns podem incluir: um pequeno sangramento de cor escura, desregular a menstruação por cerca de três meses, atrasando ou adiantando a menstruação, dor de cabeça, enjoo, vômito e dor nos seios (HO, KWAN, 1993; ARAÚJO; COSTA, 2009).

FIGURA 5 – Distribuição percentual acerca do conhecimento dos estudantes de saúde se deve refazer uso da anticoncepção de emergência se caso vomite dentro de um período de 3h. FIS. Serra Talhada, 2019.

Segundo o estudo de PEREIRA (2010) intitulado: Rompendo preconceitos sobre a utilização da anticoncepção de emergência para as adolescentes, se houver vômito até duas horas após a ingestão da pílula do dia seguinte, deverá repetir a dose, mas se o vômito persistir pode ser prescrito o uso do contraceptivo por via vaginal, seguindo a mesma posologia, tendo a sua eficácia semelhante ao uso por via oral.

Entretanto a alta dose ingerida tem o risco potencial da formação de coágulo sanguíneo e também risco de falhar a medicação, provocando náuseas e vômitos muito fortes a ponto de não fazer o tratamento correto, recomenda-se que antes da administração da pílula do dia seguinte é recomendável descartar a gravidez através de testes. (CAETANO, 2010 a 2011). Na figura 6 mostra que 84% dos estudantes que responderam ao questionário relataram que não se deve fazer o uso da anticoncepção de emergência se já estiver fazendo o uso do anticoncepcional diário. O que acontece é que a AE só se faz necessária caso a pessoa faça uso inadequado do anticoncepcional regular como esquecimento de duas ou mais pílulas.

A utilização de um método regular de anticoncepcional poderá ser iniciada logo após o uso da pílula do dia seguinte imediatamente, ou poderá continuar com a mesma cartela que estava usando (BRASIL, 2001).

FIGURA 6 – Distribuição percentual acerca do conhecimento dos estudantes de saúde se deve tomar a anticoncepção de emergência mesmo fazendo o uso do anticoncepcional contínuo. FIS. Serra Talhada, 2019.

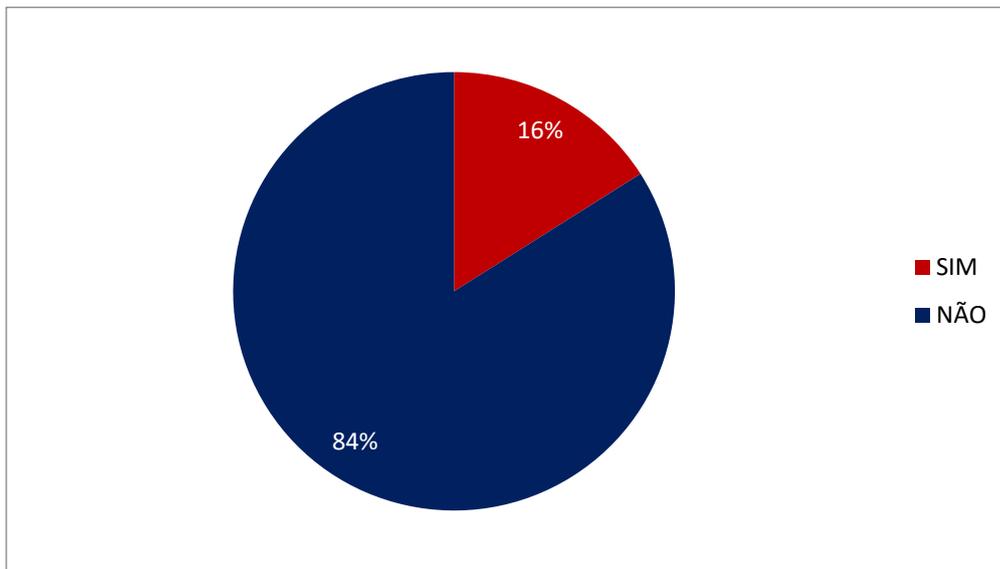
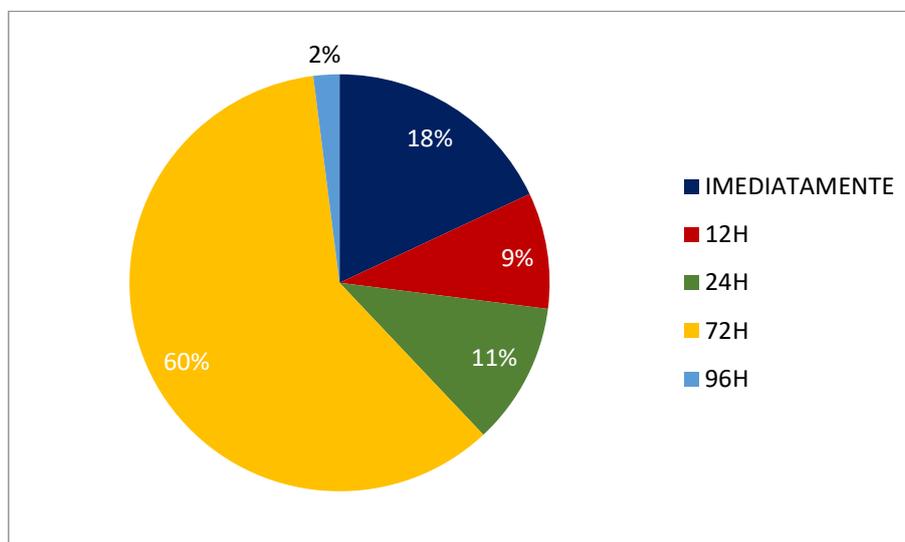


FIGURA 7 – Distribuição percentual acerca do conhecimento pelos os estudantes de saúde de quanto tempo se tem para tomar a anticoncepção de emergência depois do sexo desprotegido. FIS. Serra Talhada, 2019.

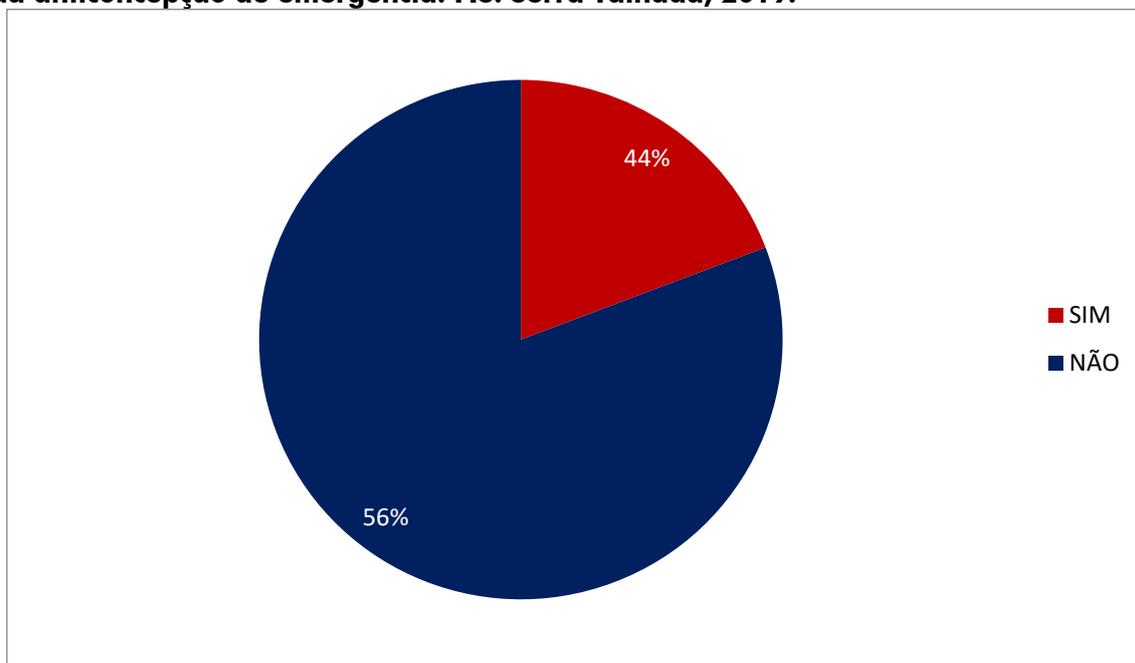


De acordo com o trabalho de WEBB e TABERNER (1993) intitulado: Clotting factors after emergency contraception, quando usado corretamente após o coito único, a PE evita 95% da possível gravidez se tomado no primeiro dia; 85% no segundo e 58% no terceiro. Mas, se uma mulher com vida sexual regular usa a pílula do dia seguinte como único anticoncepcional, após cada relação, sua chance de engravidar será bem maior da que teria uma mulher usando anticoncepcionais orais regulares. Por esse motivo, a PE não deve substituir os métodos anticoncepcionais de uso regular. É bom insistir no fato de que a eficácia da pílula do dia seguinte é maior quanto mais precocemente for tomada a primeira dose (95% nas primeiras 24 horas, 85% entre 25 e 48 horas e 58% entre 49 e 72 horas).

Na figura 8 mostra o conhecimento dos entrevistados sobre o mecanismo de ação da anticoncepção de emergência.

Segundo o estudo de NOGUEIRA (2000) o mecanismo de ação da anticoncepção de emergência não é completamente esclarecido, isso vai depender da fase do ciclo menstrual em que foi utilizado podendo interferir com a ovulação, atraso menstrual ou alterar a resposta endometrial, também pode alterar a função do corpo lúteo e a motilidade tubária, e devido a sua eficácia quando iniciado o processo de nidação a pílula do dia seguinte pode perder a sua efetividade e no caso de falha não há efeitos nocivos.

FIGURA 8 – Distribuição percentual acerca do conhecimento pelos os estudantes de saúde sobre o tempo de ação da anticoncepção de emergência. FIS. Serra Talhada, 2019.



CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar a utilização da anticoncepção de emergência em estudantes do curso de saúde, ampliando o conhecimento sobre a ação e o seu uso, no qual proporciona que as mulheres tenham a oportunidade de evitar uma gravidez não desejada. Mas com base nesse estudo a anticoncepção de emergência tem tido um aumento no seu uso e sendo usada de maneira incorreta. São de suma importância os profissionais da área da saúde orientar e promover ações para conscientizar que a anticoncepção de emergência oral só deve ser usada em casos de emergências e não como uso rotineiro para isso existe outros métodos de contraceptivos que podem ser de recurso rotineiro. Para adquirir a pílula de emergência não é necessário o receituário médico, elas estão disponíveis tanto nos postos de saúde como nas farmácias e drogarias,

Apesar da maior de idade e todos os participantes estarem cursando nível superior, foi constatado na presente pesquisa, 87 % relatam conhecer e saber quando usar a anticoncepção de emergência, mas quando questionado perguntas simples como se deve tomar a

anticoncepção de emergência mesmo fazendo o uso do anticoncepcional contínuo 84% afirmaram não, mostrando assim não predominarem bem como de fato são as ações básicas desse medicamento. Os melhores resultados no que concerne aos referidos mecanismos foram observados entre as universitárias dos cursos de saúde. No entanto, tais constatações chamam atenção pelos riscos de uma gravidez não planejada por ainda existir um déficit no conhecimento sobre a anticoncepção e emergência.

Referências

ARAÚJO, M.S.P; COSTA, L.O.B.F. Comportamento sexual e contracepção de emergência entre adolescentes de escolas públicas de Pernambuco, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v.25, n.3, p.53-59, 2009.

BORGES, ALV et al. **Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso da anticoncepção de emergência**. Cadernos de Saúde Pública, v. 26, p. 816-826, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2010000400023&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 21 de março 2019.

BRASIL. Ministério da saúde. Anticoncepção de Emergência: Perguntas e respostas para profissionais de saúde. 2a Ed. Revisada e Ampliada. Caderno n.3. Brasília 24 DF, 2010. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/anticoncepcao_perguntas_respostas_2ed.pdf>.

BRASIL. Ministério da Saúde . Brasília, 2011. Disponível em: ANTICONCEPÇÃO DE EMERGÊNCIA PERGUNTAS E RESPOSTAS PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno3_saude_mulher.pdf>. Acesso em 12/09/19.

CAETANO, Norival. BPR-Guia de Remédios.10a Edição, Atualizada e Ampliada, p. 102, 2010-2011. Disponível em:www.guiaderemedios.com.br

CHOFAKIAN, CBN et al. **Conhecimento sobre anticoncepção de emergência entre adolescentes do Ensino Médio de escolas públicas e privadas**. Cadernos de Saude Publica, v. 30, p. 1525-1536, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2014000801525&script=sci_arttext> Acesso 22 de março 2019.

COELHO, EAC et al. **Associação entre gravidez não planejada e o contexto socioeconômico de mulheres em área da Estratégia Saúde da Família**. Acta paul enferm, v. 25, n. 3, p. 415-22, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n3/v25n3a15>> Acesso 01 de junho 2019

DO NASCIMENTO, Felipe Cícero Pereira; DE SOUZA MACIEL, Gyl Everson; ROCHA, Priscyla. NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE OS MECANISMOS DE AÇÃO DA PILÚLA DE EMERGÊNCIA POR JOVENS UNIVERSITÁRIAS, PE, BRASIL.<https://editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/TRABALHO_EV071_MD4_SA1_ID872_30042017122711.pdf> Acesso em 07/11/19.

ESPEJO, X.; TSUNECHIRO, M,A.; OSIS, M.J.D.et al. Adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais entre mulheres de Campinas, São Paulo. **Rev Saúde Pública**, v.37, n.5, p.583-90, 2003.

HO, P.C; KWAN, M.S.W. A prospective randomized comparison of levonorgestrel with the Yuzpe regimen in postcoital contraception. **Hum Reprod**, v.8, n.2, p. 389-392, 1993.

MOREIRA, Maria Rosilene Cândido; DOS SANTOS, José Francisco Fernandes Quirino. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 558-566, 2011.

NOGUEIRA, Antonio Alberto; REIS, Francisco José Candido; POLINETO, Omero Benedicto. Anticoncepcionais de emergência- por que não usar? **Medicina, Ribeirão Preto**, v. 33, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/7631/9157>>.

PAIVA, S.P; BRANDÃO, E.R. Contracepção de emergência no contexto das farmácias: revisão crítica da literatura. **Physis**, n.22, v.1, p. 387-92, 2012.

PEREIRA, Sandra de Moraes. Rompendo preconceitos sobre a utilização da anticoncepção de emergência para as adolescentes. **Adolescência Saúde**. v.7, n.1, p.33, jan. 2010. Disponível em: <http://www.Adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=178>.

SOUZA, R.A; BRANDÃO, E.R. Marcos normativo da anticoncepção de emergência e as dificuldades de sua institucionalização nos serviços públicos de saúde. **Physis**, v.19, n.4, p. 46-52, 2009.

VIEIRA, LM et al. **Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil**. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, p. 135-140, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/13133>> Acesso 04 de abril 2019.

WEBB, A.; TABERNER, D. Clotting factors after emergency contraception. **Advances in contraception**, v. 9, n. 1, p. 75-82, 1993.

Recebido em: 04/05/2020

Aprovado em: 01/06/2020